

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC ALAN SOARES VIANA

A ESTRUTURA DE COMANDO E A INTELIGÊNCIA NA BATALHA DE MIDWAY (1942):

Uma análise retrospectiva de teoria e prática

Rio de Janeiro

2023

CC ALAN SOARES VIANA

A ESTRUTURA DE COMANDO E A INTELIGÊNCIA NA BATALHA DE MIDWAY (1942):
Uma análise retrospectiva de teoria e prática

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1) Daniel Daher Rodrigues.

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2023

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

ASSINATURA PELO GOV.BR
(LOCAL DA CHANCELA)

AGRADECIMENTOS

À minha amada esposa, Bianca D'Elia Matzke, agradeço pela incansável compreensão, apoio e amor, especialmente nos momentos de minha necessária ausência para a realização deste estudo. Sua força inabalável foi essencial para a concretização deste trabalho.

Ao nosso querido filho, Arthur, cujo interesse constante me serve como lembrança dos motivos pelos quais vale a pena perseverar. Agradeço por compreender minhas ausências e por me proporcionar uma alegria e um orgulho imensuráveis a cada ato seu.

Ao meu orientador, Capitão de Mar-e-Guerra (RM1) Daniel Daher Rodrigues, sou grato pelas valiosas orientações, pelo estímulo incessante e pelos ensinamentos que facilitaram meu percurso no caminho que, a princípio, parecia tão árduo.

À Escola de Guerra Naval, expresse minha gratidão pela chance única de aprendizado e evolução pessoal e profissional. Estendo meus agradecimentos a toda a direção, corpo docente e administração.

Aos colegas do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores do ano de 2023, agradeço o convívio enriquecedor, a camaradagem e o intercâmbio contínuo de experiências.

Por fim, minha mais profunda gratidão a Deus, que me concedeu saúde e determinação ao longo de minha trajetória. Reconheço que cada passo, cada decisão e cada triunfo só foram possíveis pela Sua graça infinda.

*Por meio da habilidade e devoção de nossas
Forças Armadas na área de Midway, nossos
cidadãos podem agora celebrar que uma
vitória impactante está sendo construída.*

(Chester W. Nimitz)

RESUMO

O presente estudo explora a relação entre a teoria e a prática no planejamento e execução de operações conjuntas, com enfoque particular nas funções operacionais Estrutura de Comando e Inteligência. A Batalha de Midway, que foi marcada por decisões significativas do Almirante Nimitz durante a Segunda Guerra Mundial, é utilizada como estudo de caso. O trabalho é estruturado em capítulos interconectados e construídos de maneira progressiva, com as bases conceituais e contextuais das operações conjuntas e das funções operacionais sendo estabelecidas. O teórico Milan N. Vego é utilizado como referência, sendo suas ideias comparadas com as diretrizes doutrinárias estadunidenses, e sua teoria é aplicada à realidade histórica. Ao ser aprofundada a investigação sobre o planejamento e a execução das operações conjuntas durante a Batalha de Midway, percebe-se o papel crucial que as funções operacionais Estrutura de Comando e Inteligência tiveram na determinação do resultado do conflito. Outrossim, é evidenciada a relevância da perspicaz liderança do Almirante Nimitz, bem como o papel determinante desempenhado pela decodificação das comunicações inimigas, como fatores que contribuíram para o triunfo estadunidense. Apesar dos ensinamentos fornecidos por estas descobertas, as limitações deste estudo precisam ser consideradas, as quais incluem a análise de uma única batalha histórica, as lacunas presentes nas fontes primárias disponíveis e a natureza retrospectiva da avaliação. Pesquisas futuras podem ser beneficiadas por este estudo, ao explorar a aplicação dos princípios de Vego em outros cenários e contextos, expandindo-se a compreensão das operações conjuntas em uma variedade de situações históricas e geográficas.

Palavras-chave: Operações conjuntas; Estrutura de Comando; Inteligência; Almirante Nimitz; Milan Vego; Batalha de Midway.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Funções Operacionais (em termos genéricos).....	50
FIGURA 2 – Níveis de Inteligência.....	51

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CinCPac –	<i>Commander-in-Chief, Pacific Fleet</i>
CinCUS –	<i>Commander-in-Chief of the U.S Fleet</i>
Cominch –	<i>Commander-in-Chief of the U.S Fleet</i>
EUA –	Estados Unidos da América
FT –	Força-Tarefa
JIOC –	<i>Joint Intelligence Operations Center</i>
JP –	<i>Joint Publication</i>
JSCP –	<i>Joint Strategic Campaign Plan</i>
NWP –	<i>Navy Warfare Publication</i>
PIR –	<i>Priority Intelligence Requirements</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO PLANEJAMENTO E CONDUÇÃO DE OPERAÇÕES CONJUNTAS: ESTRUTURA DE COMANDO E INTELIGÊNCIA	11
2.1 ESTRUTURA DE COMANDO	12
2.1.1 A perspectiva de Milan N. Vego.....	12
2.1.2 Estrutura de Comando na doutrina conjunta e naval estadunidense.....	14
2.1.3 Análise comparativa	15
2.2 INTELIGÊNCIA	16
2.2.1 A perspectiva de Milan N. Vego.....	17
2.2.2 Inteligência na doutrina conjunta e naval estadunidense.....	19
2.2.3 Análise comparativa	21
2.3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	22
3 A ESTRUTURA DE COMANDO E A INTELIGÊNCIA NA BATALHA DE MIDWAY	24
3.1 A ESTRUTURA DE COMANDO ANTES E DURANTE A BATALHA DE MIDWAY	25
3.1.1 Antecedentes e preparação.....	26
3.1.2 A Estrutura de Comando durante a Batalha de Midway.....	29
3.2 A FUNÇÃO OPERACIONAL INTELIGÊNCIA COMO INSTRUMENTO DECISIVO NA BATALHA DE MIDWAY	33
3.3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	36
4 ANÁLISE COMPARATIVA: TEORIA E REALIDADE NA BATALHA DE MIDWAY	38
4.1 COMPARAÇÃO ENTRE A FUNÇÃO OPERACIONAL ESTRUTURA DE COMANDO À LUZ DA TEORIA DE MILAN N. VEGO E A REALIDADE NA BATALHA DE MIDWAY.....	39
4.2 COMPARAÇÃO ENTRE A FUNÇÃO OPERACIONAL INTELIGÊNCIA À LUZ DA TEORIA DE MILAN N. VEGO E A REALIDADE NA BATALHA DE MIDWAY	42
4.3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	44
5 CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS.....	48
ANEXO A – FIGURAS	50

1 INTRODUÇÃO

No dia 7 de dezembro de 1941, o Império Japonês lançou um surpreendente e impiedoso ataque aéreo à base naval dos Estados Unidos da América (EUA) em Pearl Harbor, no Havaí. Esse evento inesperado provocou uma reviravolta na política externa estadunidense, que, até então, adotava uma postura de isolacionismo, levando-os a um envolvimento direto e decisivo na guerra.

No início de maio do ano subsequente, desenrolou-se a Batalha do Mar de Coral. O desfecho foi considerado inconclusivo, com expressivas baixas para os estadunidenses e os japoneses.

Em 4 de junho de 1942, o Pacífico converteu-se no cenário monumental da Batalha de Midway, que trouxe uma reviravolta no curso da Segunda Guerra Mundial. Em apenas quatro dias, as forças dos Estados Unidos conseguiram repelir a investida do Império Japonês, modificando decisivamente o equilíbrio de poder no teatro de guerra do Pacífico e posicionando essa batalha como um marco decisivo na guerra.

Dentro desse contexto singular, o presente estudo direciona seu foco à análise da Batalha de Midway. Especialmente, nas funções operacionais Estrutura de Comando e Inteligência, à luz da teoria de Milan N. Vego, proporcionando uma avaliação profunda e consistente dos principais elementos deste confronto histórico.

Este trabalho busca responder a seguinte questão: o planejamento e a condução das operações conjuntas entre a Marinha e o Exército dos EUA, no período de maio a junho de 1942, antes e durante a Batalha de Midway, tiveram aderência à teoria de Milan N. Vego no que tange às funções operacionais Estrutura de Comando e Inteligência?

A dissertação propõe-se a comparar a prática observada durante a Batalha de Midway com a teoria posteriormente formulada por Vego. Reflete sobre a abordagem militar daquele momento, em cotejo com a estrutura teórica elaborada posteriormente. Esta perspectiva oferece uma chance de destacar as concordâncias e divergências entre a teoria e a prática, ressaltando a pertinência e aplicabilidade dos princípios concebidos por Vego.

O estudo mergulha na análise da eficácia e eficiência das operações conjuntas em um cenário de guerra, ao examinar como as funções operacionais Estrutura de Comando e Inteligência se desenrolaram durante um dos confrontos mais emblemáticos do século XX.

Estabelece, assim, um diálogo retrospectivo entre o passado e o presente, enriquecendo tanto a teoria quanto a prática das operações conjuntas.

Após esta introdução, o segundo capítulo aborda a teoria de Vego sobre operações conjuntas, com ênfase nas já mencionadas, comparando-as com as doutrinas oficiais dos EUA. O terceiro capítulo discute as funções operacionais no âmbito do planejamento e execução das operações conjuntas, pré e durante a Batalha de Midway. O quarto capítulo confronta a teoria com a realidade observada, ponderando como os conceitos de Vego se manifestaram na batalha. O quinto e último capítulo sintetiza os achados, debates e apresenta propostas para futuras investigações.

Assim, esta dissertação almeja não só esclarecer as práticas que caracterizaram a Batalha de Midway, mas também ampliar a compreensão de como teoria e prática se interconectam no ambiente das operações conjuntas, influenciando a maneira que tais descobertas podem orientar e aperfeiçoar a condução de futuras operações militares

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO PLANEJAMENTO E CONDUÇÃO DE OPERAÇÕES CONJUNTAS: ESTRUTURA DE COMANDO E INTELIGÊNCIA

O objetivo deste capítulo é examinar e analisar os fundamentos teóricos do planejamento e condução de operações conjuntas. Nesse contexto, estuda-se a teoria proposta por Milan N. Vego, em seu livro *Joint Operational Warfare: Theory and Practice*, de 2009. Compara suas perspectivas com as diretrizes doutrinárias fornecidas pelas publicações JP 5-0¹ e NWP 5-01². O propósito da análise consiste em identificar semelhanças e diferenças entre as abordagens de Vego, à luz das diretrizes oficiais, bem como avaliar a relevância da teoria proposta pelo autor no contexto atual das operações conjuntas.

À devida compreensão desta pesquisa, essencial se faz familiarizar o leitor sobre o conceito de Planejamento de Operações Conjuntas pela doutrina estadunidense, assim definido na publicação JP 5-0:

O planejamento de operações conjuntas é o processo deliberado de determinar a forma de implementar a orientação estratégica, isto é, de como (os métodos) utilizar as capacidades militares (os meios) no tempo e espaço para alcançar objetivos (os fins) dentro de um nível aceitável de risco (EUA, 2017, p. I-1, tradução nossa)³.

Segundo Vego (2009, p. VIII-3), funções operacionais são uma série de estruturas e atividades de apoio utilizadas durante esse processo, organizadas e desenvolvidas para obterem a máxima eficácia no emprego das Forças de combate no nível operacional. As funções operacionais são a estrutura de comando, a inteligência, o comando e controle, os fogos, a logística e a proteção⁴. Neste trabalho, estudaremos as duas primeiras.

A estrutura de comando é o principal instrumento pelo qual um comandante operacional coordena e sincroniza as atividades das Forças conjuntas em tempos de paz. Dirige a aplicação de poder militar e não militar para o alcance dos objetivos estratégicos durante períodos de guerra (VEGO, 2009, p. VIII-7). Este capítulo se aprofundará na

¹ *Joint Publication 5-0, Joint Planning* (EUA, 2017).

² *Navy Warfare Publication 5-01, Navy Planning* (EUA, 2021).

³ No original: “*Joint planning is the deliberate process of determining how to implement strategic guidance: how (the ways) to use military capabilities (the means) in time and space to achieve objectives (the ends) within an acceptable level of risk*”.

⁴ Vide Figura 1 do Anexo A.

abordagem do autor para este conceito, contrastando-a com as diretrizes das publicações JP 5-0 e NWP 5-01.

A inteligência, descrita como o produto da coleta, processamento, integração, análise, avaliação e interpretação de informações sobre possíveis oponentes ou inimigos, ou ainda como conhecimento adquirido por meio de observação, investigação e análise, auxilia o comandante na tomada de decisões (VEGO, 2009, VIII-25). A análise dessa função se dará da mesma maneira que a análise função operacional estrutura de comando.

Em suma, o capítulo fornecerá uma base teórica sólida para o estudo das operações conjuntas, particularmente no que se refere à Estrutura de Comando e à Inteligência. Tal abordagem, permitirá uma compreensão mais aprofundada dos desafios e oportunidades envolvidos no planejamento e na condução de tais operações.

2.1 ESTRUTURA DE COMANDO

A Estrutura de Comando, um componente crucial das operações conjuntas, exige um profundo entendimento de sua teoria. Vego oferece uma perspectiva que ressalta os fundamentos dessa função operacional, enquanto as doutrinas conjunta e naval estadunidenses a contextualizam dentro de seus respectivos paradigmas operacionais.

Esta seção busca explorar e comparar essas perspectivas, evidenciando suas congruências e nuances. O objetivo é aprofundar o entendimento sobre como a Estrutura de Comando pode ser eficazmente implementada e adaptada em diferentes contextos militares.

2.1.1 A perspectiva de Milan N. Vego

Na concepção de Vego (2009, p. VIII-7), a Estrutura de Comando emerge como um elemento crítico no planejamento e na condução de operações conjuntas. Uma estrutura de comando eficiente é essencial para garantir a coordenação e a integração das diferentes Forças Armadas envolvidas em uma operação conjunta, permitindo o alcance dos objetivos estabelecidos.

A Estrutura de Comando possui quatro requisitos fundamentais para o sucesso das operações conjuntas: direção centralizada (principal pré-requisito para garantir a unidade de comando), execução descentralizada (intimamente relacionada ao princípio da direção centralizada), alto grau de atuação conjunta e interoperabilidade (VEGO, 2009, p. VIII-8).

Destaca-se, portanto, a centralidade da Estrutura de Comando nas operações conjuntas. É imperativo que o Comandante Operacional esteja atento aos quatro requisitos-chave. Apenas desta maneira, os objetivos estabelecidos são alcançados.

A direção centralizada é essencial para a coordenação dos esforços das forças de combate. Unifica a coleta de informações e a tomada de decisões, em que pese a limitação da liberdade de ação dos comandantes táticos subordinados. O resultado é um melhor desempenho do comando, com decisões embasadas em informações completas de diversas fontes. A direção centralizada amplia a supervisão do comandante operacional sobre as ações dos comandantes táticos subordinados, garantindo que estejam alinhadas com suas intenções (VEGO, 2009, p. VIII-8).

Por outro lado, a execução descentralizada exige que um comandante superior especifique apenas os objetivos ou tarefas ao emitir ordens, permitindo aos comandantes subordinados a máxima liberdade de ação. Essa abordagem reconhece a inviabilidade de um único comandante controlar inúmeras unidades e exige delegação de autoridade sem comprometer a responsabilidade (VEGO, 2009, p. VIII-8).

Torna-se evidente que a interação entre a direção centralizada e a execução descentralizada é vital para uma operação militar bem-sucedida. Tal dinâmica assegura a eficácia na tomada de decisões. Confere liberdade de ação no nível tático, ao mesmo tempo que, diante da complexidade de coordenação em larga escala, mantém a eficiência, sem abdicar-se das responsabilidades.

Segundo Vego (2009, p. VIII-9), uma estrutura de comando eficaz exige atuação conjunta em todo o espectro do conflito, com planejamento, preparação e emprego, além da sustentação das armas de combate. Visa-se alcançar objetivos militares comuns no cumprimento das missões atribuídas.

A interoperabilidade, por sua vez, é definida como a capacidade de os sistemas, unidades ou forças fornecerem e aceitarem material e pessoal de outros sistemas, unidades ou forças. Operam, efetivamente, em conjunto, resultando em capacidades aprimoradas de combate, por meio de técnicas e procedimentos comuns (VEGO, 2009, p. VIII-9).

Constata-se que, segundo Vego (2009), o alto grau de atuação conjunta e a interoperabilidade são conceitos distintos. Enquanto a atuação conjunta se concentra no planejamento, preparação, emprego e sustentação do conflito para alcançar os objetivos militares comuns, a interoperabilidade foca na interação e integração eficazes entre diferentes sistemas, unidades ou forças, mediante procedimentos comuns a todos.

Vego (2009, p. VIII-9, tradução nossa) realça que a interoperabilidade “também inclui invariavelmente doutrinas, procedimentos operacionais padrão e procedimentos operacionais especiais”⁵.

No contexto das operações conjuntas, Vego (2009) reconhece que a Estrutura de Comando é um elemento-chave para garantir a eficácia e a eficiência do emprego destas operações. Enfatiza a necessidade de lidar com os desafios e as oportunidades proporcionados pelos quatro requisitos. Essa abordagem maximiza a capacidade das Forças Conjuntas de alcançar seus objetivos e enfrentar as ameaças presentes no ambiente operacional.

2.1.2 Estrutura de Comando na doutrina conjunta e naval estadunidense

As publicações JP 5-0 e NWP 5-01 fornecem diretrizes e princípios fundamentais para o planejamento e a condução de operações conjuntas e da Marinha dos EUA, respectivamente. Ambas as publicações abordam a importância da Estrutura de Comando para garantir a eficácia das Forças Armadas em operações conjuntas.

Segundo a publicação JP 5-0, “os comandantes devem equilibrar a necessidade da direção centralizada com a necessidade da execução descentralizada”⁶ (EUA, 2017, p. III-38, tradução nossa). Já a publicação NWP 5-01 estabelece que a tradição da Marinha tem instigado nos comandantes a expectativa de atuar com independência, contudo em consonância com as diretrizes do comandante superior. Essa iniciativa disciplinada é conhecida como “*Mission Command*”, o qual, segundo a doutrina de operações conjuntas, é definido como a execução de operações militares de forma descentralizada, pautada em ordens orientadas ao tipo de missão (EUA, 2021, p. 1-6).

⁵ No original: [...] also invariably includes doctrine, standard operating procedures (SOPs), and special operating procedures.

⁶ No original: Commanders must balance the need for centralized direction with decentralized execution.

No que se refere ao alto grau de atuação conjunta e à interoperabilidade, a publicação JP 5-0 determina que o planejamento conjunto tem como objetivo fomentar o entendimento unificado sobre o ambiente de ameaças, decisões a serem tomadas, alocação de recursos, priorização e riscos em toda a força conjunta. Reforça a ideia de que as Forças militares singulares, por si só, não conseguem alcançar os objetivos nacionais (EUA, 2017, p. 1-5).

A NWP 5-01 destaca a necessidade vital no processo de planejamento conjunto de estabelecer uma sólida conexão entre comandantes de navios, esquadrões e outras Forças. Essa interconexão, mediada por uma relação formal, assegura a unidade de propósito e previne esforços de planejamento divergentes. Essa ligação, guiada por uma cadeia de comando elevada, deve se estender a subordinados de diferentes comandos e agências. Dessa forma, consolida-se a essencial transição dos objetivos estratégicos militares para a realidade da guerra tática, com ênfase no plano operacional (EUA, 2021, p. 1-7).

2.1.3 Análise comparativa

A análise comparativa dos postulados apresentados por Milan N. Vego e as diretrizes propostas pelas publicações JP 5-0 e NWP 5-01 evidencia uma congruência substancial, no que concerne aos princípios fundamentais da Estrutura de Comando em operações conjuntas. Contudo, ao mergulhar na peculiaridade de cada abordagem, é possível discernir nuances interessantes que ampliam a compreensão do assunto.

Primeiramente, é relevante notar que tanto Vego como as publicações concordam na importância do papel desempenhado pela direção centralizada. Ambos atribuem a essa figura a tarefa fundamental de coordenar os esforços das forças de combate e centralizar a coleta de informações e a tomada de decisões. O entendimento compartilhado fortalece a concepção de que, para a condução efetiva de operações conjuntas, é imprescindível uma direção estratégica robusta e unificada.

No contexto da execução descentralizada, tanto Vego quanto as publicações JP 5-0 e NWP 5-01 defendem a importância de delegar autoridade aos comandantes subordinados. Essa delegação permite que eles atuem com mais liberdade ao executar suas missões designadas. Ambas as perspectivas valorizam esse princípio como fundamental para a eficácia das operações conjuntas. Esse consenso sublinha a necessidade de equilibrar o controle centralizado com a flexibilidade tática, o que, por sua vez, intensifica a complexidade da

estrutura de comando. Tal cenário demanda um nível avançado de comunicação, coordenação e confiança entre os diferentes escalões hierárquicos.

Ao analisar o tema da atuação conjunta e da interoperabilidade, identifica-se, mais uma vez, um alinhamento entre Vego e as publicações JP 5-0 e NWP 5-01. Há uma concordância de que uma estrutura de comando eficiente precisa assegurar a coordenação e a integração das Forças Armadas em todos os níveis. Outrossim, é necessária a capacidade de operar de maneira efetiva e conjunta para alcançar os objetivos militares comuns. Dessa forma, a interoperabilidade se destaca como um elemento central para ampliar as capacidades de combate conjuntas. Ela evidencia a importância de esforços coordenados, com vistas a um entendimento compartilhado sobre o ambiente de ameaças, as decisões que devem ser tomadas, a distribuição de recursos, a definição de prioridades e a gestão de riscos.

Entretanto, é preciso destacar que a publicação NWP 5-01 adiciona um elemento à discussão: o conceito de "*Mission Command*". Esta abordagem reforça a necessidade de delegar autoridade e responsabilidade aos comandantes subordinados, maximizando a eficiência na execução descentralizada das operações militares. Vê-se uma sofisticação na articulação entre a direção centralizada e a execução descentralizada, reforçando a importância da autonomia no nível tático, sempre em consonância com as diretrizes do comando superior.

2.2 INTELIGÊNCIA

A inteligência, como recurso de destaque nas operações conjuntas, frequentemente serve como base para a tomada de decisões no campo operacional. Sua integração com as demais funções operacionais é fundamental para o sucesso dessas operações.

Nesta seção, serão examinadas as perspectivas de Vego em contraste com aquilo que é estabelecido nas doutrinas conjunta e naval estadunidenses. A análise visa proporcionar uma compreensão aprofundada da natureza, dos atributos e da aplicação da inteligência, delineando sua contribuição para as operações conjuntas.

2.2.1 A perspectiva de Milan N. Vego

Segundo Vego (2009, p. VIII-25, tradução nossa), o planejamento e a condução de operações conjuntas demandam que o comandante operacional integre a Inteligência às demais funções operacionais. No entanto, a importância da Inteligência deve ser cuidadosamente ponderada. É fundamental não superestimar nem subestimar seu papel, uma vez que é apenas um dos elementos na tomada de decisões. O autor afirma que “os atributos fundamentais de uma boa inteligência são pontualidade, precisão, objetividade, relevância, praticidade e integralidade”⁷.

Essa perspectiva destaca que, embora a Inteligência seja essencial nas operações conjuntas, sua avaliação deve ser equilibrada. O Comandante operacional deve integrar todas as funções operacionais de maneira harmoniosa, reconhecendo a Inteligência como um componente vital, mas não exclusivo.

Vego (2009, pp. VIII-25 e VIII-26) salienta que a eficácia da Inteligência reside em sua adesão a atributos específicos. Deve ser pontual, precisa e objetiva, facilitando decisões assertivas e imediatas do comandante, sem demandar análises extras. Sua pertinência se destaca ao influenciar a realização de tarefas ou avaliações militares específicas. Contudo, sua aplicabilidade é questionada, se desalinhada às demandas do comandante. Atinge sua completude ao fornecer todas as informações requeridas pelo mesmo.

Constata-se que a eficácia da Inteligência é maximizada quando todos esses critérios são atendidos e quando ajustada às necessidades específicas do comandante. Tal adaptação oferece uma base sólida e confiável para a tomadas de decisões.

Conforme Vego (2009, p. VIII-26), o ciclo de inteligência é um processo multifásico que transforma informações em produtos de inteligência acabados. Este ciclo se desenrola em cinco fases, que são estreitamente conectadas e muitas vezes se sobrepõem: planejamento e direção, coleta, processamento, produção e disseminação.

No âmbito da inteligência, o processo começa com a fase de planejamento e direção. Nesta etapa, determinam-se os objetivos da inteligência e identificam-se as necessidades

⁷ No original: *The main attributes of good intelligence are timeliness, accuracy, objectivity, relevance, usability, and completeness.*

associadas, dando prioridade conforme necessário. Também é elaborado um plano de coleta abrangente, estabelecendo as interações entre as diversas unidades de inteligência, tanto internamente quanto entre diferentes comandos. Após esse estágio, entra-se na fase de coleta. Nesta fase, as informações são adquiridas e transmitidas para subsequente processamento, tudo baseado em um plano meticulosamente elaborado. A execução é sincronizada, garantindo a integração de informações de todas as fontes possíveis (VEGO, 2009, p. VIII-26).

O processo avança para a fase de processamento, na qual os dados coletados, de origem única ou múltipla, são convertidos em componentes de inteligência prontos para uso na fase de produção. Durante esta etapa, uma das atividades centrais é a elaboração de um produto de inteligência consolidado. Esse produto emerge da fusão de informações oriundas de diversas fontes e diferentes níveis de comando. Seu objetivo é prover uma compreensão aprofundada sobre questões pontuais. Finalmente, a fase de disseminação busca garantir a entrega eficaz e eficiente dos produtos de inteligência finalizados aos usuários (VEGO, 2009, p. VIII-26).

Conclui-se que o ciclo de inteligência é um processo multifásico que envolve etapas sequenciais e interdependentes. Sua execução deve ser metódica para fornecer informações precisas e oportunas que contribuam significativamente para a tomada de decisões efetivas no campo de operações militares.

No que se refere ao níveis de inteligência⁸, Vego (2009, pp. VIII-27 a VIII-29) esclarece que a inteligência operacional, ao preparar a avaliação e análise da área de ameaça, auxilia o comandante operacional a determinar objetivos para o emprego de suas forças. É responsável por identificar o centro de gravidade⁹ do inimigo e constitui suporte indispensável ao planejamento, preparação e execução de operações conjuntas, com a habilidade de antecipar eventos com várias semanas ou até meses de antecedência. O autor define a inteligência

⁸ Vide Figura 2 do Anexo A.

⁹ Centro de gravidade pode ser definido como uma fonte de força cuja degradação, neutralização ou destruição teria o impacto mais decisivo na capacidade do inimigo (VEGO, 2009, p. VII-13).

operacional como um produto sinérgico da inteligência tática¹⁰ e inteligência estratégica¹¹. Nesse mister, o papel fundamental dos oficiais de inteligência operacional consiste em retratar a situação operacional, unindo uma vasta gama de informações táticas às provenientes do nível estratégico.

Em conclusão, Vego (2009, p. VIII-33) assevera que o sucesso da inteligência operacional depende da presença, já consolidada durante períodos de paz, de uma organização de inteligência abrangente e integralmente em operação. Sublinha a indispensabilidade de uma doutrina para a utilização da inteligência, a qual deve ser internalizada pelos comandantes operacionais e seus respectivos estados-maiores. No âmbito das operações conjuntas, a elaboração de acordos de coordenação entre as Forças torna-se imprescindível, assim como estabelecer procedimentos claros e eficazes antes do advento de eventuais hostilidades. Assim, ao se antecipar com preparativos, assegura-se uma execução mais ágil e precisa da inteligência operacional.

2.2.2 Inteligência na doutrina conjunta e naval estadunidense

As publicações JP 5-0 e NWP 5-01 incluem a função operacional Inteligência nas diretrizes sobre o planejamento e a condução de operações conjuntas. Tais publicações reiteram a relevância incontestada da Inteligência na condução de operações militares eficazes e destacam a necessidade de integração e coordenação entre diferentes ramos das Forças Armadas.

Referente à integração da inteligência, a publicação JP 5-0 estabelece que o suporte da inteligência ao planejamento conjunto inclui as avaliações dinâmicas de ameaças que são produzidas pela *Defense Intelligence Agency* para cada conjunto de problemas direcionados pelo Plano Estratégico Conjunto de Capacidades (JSCP)¹². Os centros conjuntos de operações

¹⁰ A inteligência tática é voltada para o suporte ao planejamento, preparação e execução de ações táticas como batalhas, confrontos e ataques, lidando majoritariamente com os aspectos físicos ou tangíveis da situação, tendo o escopo temporal restrito a eventos que transcorrem em um único dia ou, na extensão máxima, ao longo de alguns dias (VEGO, 2009, p. VIII-26).

¹¹ A inteligência estratégica, atuando como um pilar para a liderança nacional ou para o comandante em nível teatro-estratégico, desempenha um papel crucial na elaboração de políticas nacionais, na segurança nacional e na concepção de estratégias militares (VEGO, 2009, p. VIII-26 e VIII-27).

¹² JSCP - *Joint Strategic Campaign Plan* (EUA, 2017, p. xviii).

de inteligência (JIOCs)¹³ e os elementos de suporte de inteligência conjunta dos comandantes subordinados produzem avaliações e estimativas de inteligência (EUA, 2017, p. III-28).

A NWP 5-01, por sua vez, salienta que, durante o processo de planejamento, torna-se essencial a revisão e atualização contínua dos produtos de inteligência. Isso assegura sua pertinência diante da conjuntura vigente antes da elaboração da diretiva. Ademais, é preciso avaliar se as alterações no cenário requerem a manutenção do plano preestabelecido ou se faz necessário ajustes em determinadas seções para adaptá-lo às novas circunstâncias (EUA, 2021, p. 4-6).

Na publicação JP 5-0 não são estabelecidos atributos da inteligência, mas sim requisitos, quais sejam: uso, fonte, mensurabilidade, impacto, pontualidade e custo (EUA, 2017, p. K-24). A NWP 5-01, por outro lado, não menciona explicitamente esses requisitos. Pontua-se que o conceito de níveis de inteligência não é discutido em nenhuma das duas publicações.

Ainda que a JP 5-0 não trate especificamente da inteligência em tempos de paz, a NWP 5-01 dedica-se a essa temática, ao abordar a forma de execução dos requisitos prioritário de inteligência (PIRs)¹⁴, ao afirmar que:

Liste os PIRs necessários para cumprir a missão por fase. A lista de PIRs deve incluir requisitos de inteligência durante os tempos de paz para confirmar suposições de planejamento relacionadas à ameaça e informar revisões do plano. A lista de PIRs também deve incluir requisitos associados às fases de execução para avaliar o progresso em direção ao cumprimento dos objetivos e informar decisões críticas (EUA, 2021, p. J-3-6, tradução nossa)¹⁵.

Verifica-se o compromisso das publicações doutrinárias estadunidenses com a integração e a atualização contínua da Inteligência no planejamento e execução das operações conjuntas. Tal enfoque reforça o entendimento de que a antecipação e adaptação são fundamentais para garantir operações militares eficazes e bem-sucedidas.

¹³ JIOC - *Joint Intelligence Operations Center* (EUA, 2017, p. GL-2).

¹⁴ PIR - *Priority Intelligence Requirements* (EUA, 2021, p. 2-14).

¹⁵ No original: *List the PIRs required to accomplish the mission by phase. The list of PIRs should include requirements for intelligence during peacetime to confirm threat-related planning assumptions and to inform plan revisions. The list of PIRs should also include requirements associated with the execution phases to assess progress toward the achievement of OBJs and inform critical decisions.*

2.2.3 Análise comparativa

Ao comparar as perspectivas expressas por Milan N. Vego e aquelas encontradas nas publicações JP 5-0 e NWP 5-01, observam-se concordâncias e divergências.

Ambas as perspectivas enfatizam a importância da inteligência no planejamento e execução de operações militares. Particularmente, Vego enfatiza a importância de avaliar, de maneira equilibrada, a relevância da inteligência, evitando tanto sua superestimação quanto sua subestimação. Estabelece atributos essenciais para uma inteligência eficaz, como pontualidade, precisão, objetividade, relevância, praticidade e integralidade. As publicações JP 5-0 e NWP 5-01 não abordam explicitamente esses atributos, mas também realçam o papel vital da inteligência, especialmente no planejamento conjunto e na condução de operações conjuntas.

Vego descreve em detalhes o ciclo da inteligência, que inclui as fases de planejamento e direção, coleta, processamento, produção e disseminação. Enquanto isso, as publicações JP 5-0 e NWP 5-01 não discutem esse ciclo, todavia concentram-se em aspectos específicos, como a necessidade de revisar e atualizar continuamente os produtos de inteligência, abordado pela NWP 5-01, e a importância do suporte da inteligência ao planejamento conjunto, constante na JP 5-0.

Lacuna notável é observada na abordagem dos níveis de inteligência. Vego detalha a natureza da inteligência operacional e o seu papel no suporte ao planejamento, preparação e execução de operações conjuntas. Por outro lado, a JP 5-0 e a NWP 5-01 não dispõem sobre o conceito de níveis de inteligência.

Em relação à inteligência em tempos de paz, a NWP 5-01 aborda o assunto ao discutir a execução dos PIRs. A JP 5-0, no entanto, não faz menção ao tema. Em contrapartida, Vego destaca a grande importância de estabelecer e manter uma organização de inteligência robusta durante os períodos de paz, a qual é fundamental para garantir a eficácia das operações em tempos de conflito.

Finalmente, todas as perspectivas enfatizam a necessidade de integração e coordenação na condução de operações militares eficazes. Vego ressalta o papel dos oficiais de inteligência operacional na integração de informações de níveis táticos e estratégicos, enquanto a JP 5-0 e a NWP 5-01 destacam a relevância da coordenação e integração entre diferentes setores das Forças Armadas.

2.3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Este capítulo apresentou e discutiu a teoria proposta por Milan N. Vego (2009) sobre as funções operacionais relacionadas à Estrutura de Comando e à Inteligência no âmbito das operações conjuntas. Promoveu uma comparação entre suas ideias e as diretrizes presentes nas publicações JP 5-0 e NWP 5-01. Esta análise teve como finalidade estabelecer uma base sólida para o estudo subsequente das operações conjuntas envolvendo a Marinha e o Exército dos EUA durante a Batalha de Midway.

Ao longo deste capítulo, a análise evidenciou diversas congruências e discrepâncias entre a teoria proposta por Vego e as práticas elucidadas nas publicações JP 5-0 e NWP 5-01. De maneira geral, a teoria de Vego harmoniza-se amplamente com as diretrizes e procedimentos adotados pelos segmentos das Forças Armadas dos EUA, corroborando a relevância e pertinência de seu embasamento teórico no contexto das operações conjuntas.

No subitem 2.1, foi conduzida uma análise acerca da Estrutura de Comando. A pesquisa avaliou as peculiaridades deste conceito conforme proposto por Vego, sendo significativamente complementada pela publicação JP 5-0. Identificou-se que o sucesso em operações conjuntas transcende um meticuloso planejamento, exigindo também uma coordenação assertiva entre as unidades das Forças envolvidas. A ausência de uma coordenação apropriada pode acarretar lacunas operacionais, ao passo que uma coordenação excessiva pode ocasionar redundâncias. Dessa forma, revela-se essencial equilibrar a implementação da estrutura de comando, visando assegurar a eficácia e eficiência das operações conjuntas.

Subsequentemente, no subitem 2.2, a pesquisa aprofundou-se no domínio da Inteligência, conceituada como um pilar determinante no processo decisório no âmbito das operações militares. Vego sublinha que a informação deve ser pontual, acurada, objetiva, pertinente, prática e abrangente. A análise abordou o contínuo ciclo da inteligência, compreendendo etapas como planejamento e direção, coleta, processamento, produção e disseminação. Ressaltou-se a importância da consolidação de uma estrutura de inteligência robusta em tempos de paz, sendo imprescindível em cenários de conflito.

Entretanto, ao confrontar as visões de Vego com as publicações JP 5-0 e NWP 5-01, ficou evidente que, ainda que haja um consenso sobre a essencialidade da inteligência no planejamento, emergem descompassos quanto a detalhes como os atributos da inteligência e a abordagem em seus diversos níveis.

Ao refletir sobre a amalgama destas concepções, infere-se que o planejamento e a inteligência são elementos indissociáveis nas operações militares conjuntas. Para garantir o triunfo destas empreitadas, é vital um planejamento integrado e acurado, amparado por uma inteligência precisa e tempestiva. Outrossim, a preparação em períodos de paz mostra-se determinante para o êxito das manobras em cenários bélicos.

Esta análise teórica estabelece um robusto ponto de partida para a subsequente etapa da dissertação: o exame das operações conjuntas entre Marinha e Exército dos EUA na Batalha de Midway. A dissecção destes eventos históricos possibilitará avaliar a aplicabilidade e pertinência da teoria de Vego ao se debruçar sobre operações conjuntas, enriquecendo, assim, a compreensão das dinâmicas e desafios inerentes à coordenação e gestão de tais manobras.

3 A ESTRUTURA DE COMANDO E A INTELIGÊNCIA NA BATALHA DE MIDWAY

Este capítulo tem como objetivo investigar a função operacional Estrutura de Comando e a função operacional Inteligência no planejamento e condução das operações conjuntas entre a Marinha e o Exército dos EUA antes e durante a Batalha de Midway, ocorrida no período de maio a junho de 1942. Este confronto naval é considerado como um dos eventos mais importantes da Segunda Guerra Mundial e um divisor de águas no Teatro do Pacífico¹⁶, onde a Marinha estadunidense conseguiu deter o avanço japonês e mudar o curso da guerra.

Esta avaliação se alinha com a observação de Isom (2007, p. 266, tradução nossa), que caracteriza Midway como “não apenas uma das vitórias navais mais desproporcionais da história, mas também o ponto de virada da Guerra do Pacífico”¹⁷.

O próprio Almirante Chester W. Nimitz, Comandante-em-Chefe da Frota do Pacífico (CinCPac)¹⁸ e figura seminal na estratégia de guerra do Pacífico, destacou a importância da Batalha de Midway. Nimitz postulou que este confronto foi, indiscutivelmente, a batalha mais significativa travada no teatro do Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial. Sustentou que foi o engajamento bem-sucedido em Midway que pavimentou o caminho para futuras vitórias, tornando todas as outras operações subsequentes viáveis e possíveis (PRANGE, 1983, p. 395).

A Batalha de Midway, por sua natureza, fornece um cenário valioso para a análise das funções operacionais supracitadas, permitindo uma compreensão mais profunda de como esses elementos contribuíram para o desfecho do conflito. A análise minuciosa dessas funções, bem como sua aplicação neste contexto específico, pode oferecer um entendimento precioso para o planejamento e condução de operações conjuntas em variados cenários.

Para atingir este objetivo, este capítulo fundamenta-se em uma criteriosa seleção de obras acadêmicas e registros históricos sobre a Batalha de Midway. Tais fontes, dada sua meticulosidade e abrangência, proporcionam uma base sólida para nossa discussão. Elas facilitam o entendimento não apenas dos acontecimentos que antecederam o conflito, mas

¹⁶ Teatro do Pacífico foi um grande teatro de operações da Segunda Guerra Mundial que cobriu uma vasta porção do Oceano Pacífico, Leste Asiático e Sudeste Asiático, com confrontos significativos ocorrendo tão ao sul quanto o norte da Austrália e tão ao norte quanto as Ilhas Aleutas (ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA, 2023).

¹⁷ No original: *It was not only one of the most lopsided naval victories in history, but the turning point of the Pacific War.*

¹⁸ *Commander-in-Chief, Pacific Fleet* (LUNDSTROM, 2005, p. xix).

também da etapa de planejamento, do ciclo decisório e da progressão da batalha propriamente dita, trazendo à tona valiosas lições.

Na seção 3.1, será feita uma análise da Estrutura de Comando prévia e durante a Batalha de Midway. A ênfase recairá sobre os desafios encarados tanto pela Marinha quanto pelo Exército dos EUA, além do exame das interações entre os principais líderes e as decisões que determinaram o curso da batalha.

Em sequência, o foco recairá sobre a função operacional Inteligência, enfatizando sua relevância na elaboração das estratégias e no impacto decisivo da unidade de inteligência naval Hypo¹⁹ na decodificação do código japonês JN-25²⁰. Esse feito possibilitou aos EUA obter descobertas essenciais acerca das estratégias japonesas.

A última seção condensará os pontos mais salientes abordados ao longo do capítulo, ponderando de que forma as funções operacionais Estrutura de Comando e Inteligência foram determinantes para o triunfo americano na Batalha de Midway, destacando os aprendizados que podem ser aplicados em futuras operações conjuntas.

3.1 A ESTRUTURA DE COMANDO ANTES E DURANTE A BATALHA DE MIDWAY

A análise da Batalha de Midway oferece uma perspectiva única sobre as deficiências na Estrutura de Comando das Forças estadunidenses durante esse período crítico. As seções a seguir traçam um panorama dessa função operacional antes e durante a batalha, destacando as principais figuras envolvidas, suas decisões e as consequências dessas escolhas para o resultado.

¹⁹ A unidade de decifreadores do 14º Distrito Naval (*Pearl Harbor radio intelligence unit*) era popularmente conhecida como *Station Hypo* (HONE, 2013, p. 288).

²⁰ Nomenclatura utilizada pela Inteligência da Marinha estadunidense para se referir ao código japonês (HONE, 2013, p. 277).

3.1.1 Antecedentes e preparação

No período que antecedeu a Batalha de Midway, observaram-se modificações notáveis e expressivas na configuração da estrutura de comando das forças estadunidenses e japonesas. Essas reformulações se deram como consequência direta dos eventos observados ao decorrer da Segunda Guerra Mundial. As reformulações operacionais revelaram-se de vital importância para o sucesso das operações conjuntas executadas pela Marinha e pelo Exército dos EUA, tanto na fase pré-confronto quanto durante a batalha em si.

Ainda em 1940, mesmo antes do envolvimento oficial dos EUA no conflito, a evolução dos acontecimentos durante a guerra prosseguia de forma inexorável. Restou-se cada vez mais evidente a urgente necessidade de uma unidade de comando única e unificada, que exerceria autoridade abrangente sobre todas as forças em campo. Esta era a proposta de uma figura de destaque na estrutura militar dos EUA, o General Marshall, Chefe do Estado-Maior do Exército americano. Contudo, a materialização deste objetivo era continuamente obstaculizada por complexas questões políticas e pelas incessantes rivalidades entre os diferentes departamentos das Forças Armadas do país (TOLL, 2011, pp. 188 e 189).

As primeiras etapas da Guerra do Pacífico, já no ano de 1941, foram marcadas por uma estrutura de comando das Forças conjuntas dos EUA peculiarmente confusa. A título de ilustração desse cenário, é pertinente rememorar a hesitação do Exército em atender à solicitação do Almirante Husband E. Kimmel²¹, que buscava reforçar a defesa da base na ilha de Midway com mais caças (LUNDSTROM, 2005, p. 3). À época, o Almirante Kimmel acumulava os cargos de Comandante-em-Chefe da Frota dos EUA (CinCUS)²² e CinCPac (PRANGE, 1983, p. 5).

Torna-se evidente que, mesmo com o Almirante Kimmel detendo notável influência política, expressa em suas funções como CinCUS e CinCPac, ele enfrentou obstáculos significativos na efetivação de suas decisões, não logrando assegurar a execução de suas solicitações por parte do Exército estadunidense.

Esse episódio marcante, além de enfatizar o desacordo inerente às Forças, evidencia a intrincada tarefa de estabelecer um comando unificado. Esta aspiração parecia cada vez mais

²¹ O Almirante Kimmel foi dispensado dos cargos de CinCUS e CinPAC em 16 de dezembro de 1941, pouco depois do ataque à Pearl Harbor (PRANGE, 1983, p. 5).

²² *Commander-in-Chief of the U.S Fleet* (PRANGE, 1983, p. 5).

inalcançável, diante das disputas interdepartamentais. Tal dinâmica tumultuada ecoaria nos eventos que se seguiriam, salientando a urgente demanda por uma reorganização das estadunidenses.

Durante o ataque à Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, houve mais uma demonstração nas deficiências da Estrutura de Comando das Forças dos EUA. O General Douglas A. MacArthur, comandante do Teatro do Pacífico Sudoeste, apesar de alertado sobre o ataque, falhou em organizar uma resposta efetiva às primeiras investidas aéreas japonesas. Mesmo assim, MacArthur emergiu como um herói de guerra aclamado pelos EUA, consolidando-se como uma das figuras centrais aliadas na Guerra do Pacífico (TOLL, 2011, p. 48-49 e 235-236).

Na segunda metade de dezembro de 1941, os líderes militares estadunidenses, embora mais inexperientes em comparação ao consolidado comando britânico, reuniram-se na renomada Conferência Arcadia²³. Durante as reuniões iniciais, a falta de preparação e coordenação entre as Forças dos EUA foi flagrantemente exposta. As discussões ocorriam de forma improvisada, desprovidas de um processo interno consolidado de planejamento e análise, conduzindo a uma estratégia estadunidense que parecia desorganizada e inexperiente. O Exército e a Marinha dos EUA, que historicamente atuavam em domínios distintos, encontraram-se na contingência de aprender a cooperar mutuamente, simultaneamente buscando adaptar-se à interação com os britânicos (TOLL, 2011, pp. 179 e 180).

Diante dessa atmosfera carregada de incerteza e tensão, evidenciou-se a urgência na busca pela unificação e coordenação das forças dos EUA. A Conferência Arcadia, com sua experiência reveladora, funcionou como um reflexo claro, expondo indubitavelmente as falhas de preparação e a ausência de coesão nas forças armadas. Tal cenário incitou uma reavaliação criteriosa da estrutura de comando, culminando em uma série de reformulações estratégicas.

A virada do ano, do final de 1941 para o início de 1942, foi palco para alterações substanciais na estrutura de comando das Forças estadunidenses. Essas transformações

²³ Conferência de três semanas que Roosevelt, Churchill e seus conselheiros abriram em Washington, D.C., em 22 de dezembro de 1941, onde o presidente estadunidense tranquilizou os britânicos sobre a manutenção da “Europa primeiro” pelos EUA ((ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA, [20--]).

continuaram a se desenrolar nos primeiros meses de 1942. Significativamente, os cargos de CinCUS e CinCPAC foram segregados. O respeitado Almirante Ernest J. King²⁴ assumiu o prestigioso cargo de CinCUS, ao passo que o Almirante Chester Nimitz, escolha pessoal do presidente estadunidense, foi empossado como CinCPAC. Tais mudanças representaram um marco decisivo na reestruturação das Forças Armadas estadunidenses, adaptando-se à realidade bélica em que os Estados Unidos estavam inseridos após o inesperado ataque a Pearl Harbor, evento que determinou sua participação direta no conflito global (PRANGE, 1983, pp. 4 e 5).

Esta reestruturação, entretanto, não estava livre de tensões e incertezas. King, amplamente conhecido por sua natureza agressiva e beligerante, nutria uma desconfiança profunda em relação a almirantes que percebia como excessivamente politizados, acreditando que suas carreiras ascendentes eram fruto de sua proximidade com o Presidente. Como consequência desta desconfiança, King manteve Nimitz sob estrito controle. A relação entre King e Nimitz, apesar de sempre profissional, era marcada por um cordialismo distante (HONE, 2013, p. 238).

Ainda em 1942, o novo CinCUS, doravante denominado Cominch²⁵, Almirante King, sugeriu que 10.000 homens fossem enviados para fortificar a presença militar nas ilhas coloniais francesas da Nova Caledônia, mesmo que ao custo de desviar forças destinadas à Europa. Contudo, essa proposta foi acolhida com insatisfação pelo Exército dos Estados Unidos, que demonstrava hesitação em alocar forças para uma região de predominância marítima, evidenciando as discrepâncias ainda existentes entre as Forças estadunidenses (TOLL, 2011, pp. 185 e 186).

Percebe-se que, mesmo diante das significativas transformações na estrutura de Comando anteriormente destacadas, as contendas institucionais entre a Marinha e o Exército dos EUA ainda eram marcantes, estabelecendo um clima de rivalidade interna que obstaculizava uma colaboração eficaz. Adicionalmente, dentro da própria Marinha dos EUA, prevaleciam tensões entre seus líderes mais expressivos.

O Almirante King, buscando unificar os objetivos estratégicos das Forças, conferiu ao Almirante Nimitz uma missão primordial com dupla finalidade: manter a linha de defesa de

²⁴ Uma de suas primeiras determinações no novo cargo foi a alteração da abreviatura do cargo de CinCUS, cuja pronúncia em inglês é muito semelhante a "afunde-nos", para Cominch (PRANGE, 1983, p. 11).

²⁵ *Commander-in-Chief of the U.S Fleet* (TOLL, 2011, p. 310).

Midway-Johnston-Havaí e garantir a linha de comunicação entre Samoa e Fiji, elemento chave para as relações entre os Estados Unidos, Austrália e Nova Zelândia. Juntamente a essas orientações oficiais, Nimitz se deparava com uma tarefa implícita, mas de suma relevância: restaurar o ânimo das Forças estadunidenses, que se encontrava profundamente abalado pelos acontecimentos em Pearl Harbor (PRANGE, 1983, pp. 5 e 6).

Neste cenário conturbado, destaca-se o impacto que tais alterações geraram na Marinha dos EUA, particularmente no estabelecimento de uma hierarquia mais rigorosa entre o Almirante King e o Almirante Nimitz. Essa reestruturação pode ser interpretada como um avanço rumo a uma estrutura de comando mais eficiente, ainda que não tenha sido suficiente para solucionar todos os conflitos internos e disputas de poder.

3.1.2 A Estrutura de Comando durante a Batalha de Midway

De acordo com Symonds (2011, p. 201, tradução nossa), às vésperas da Batalha de Midway “não havia um Departamento de Defesa, nem mesmo um Estado-Maior Conjunto. A Marinha e o Exército estadunidenses eram totalmente separados”²⁶.

Durante a Batalha, ficaram expostas as falhas críticas na estrutura de comando das forças dos EUA. As forças defensivas em Midway, integradas por elementos do Exército, Marinha e Fuzileiros Navais, atuaram sem um plano unificado de ação, o que levou a uma ausência de coesão e eficácia (PRANGE, 1983, pp. 75 e 76).

Tais circunstâncias impuseram um peso significativo aos Almirantes e Generais, destacando-se o Almirante Nimitz como uma figura proeminente, aspecto que será abordado mais adiante.

Em abril de 1942, ocorreu uma nova reestruturação no comando do Pacífico. Nimitz, na posição de Comandante-em-Chefe das Áreas do Oceano Pacífico, exerceria o controle sobre as regiões Norte, Central e Sul do Pacífico. MacArthur se tornaria o Comandante Supremo da Área do Sudoeste do Pacífico. King garantiu que a fronteira entre estas áreas fosse obscurecida, de maneira que a Marinha pudesse ter influência em todo o Pacífico (HONE, 2013, p. 241).

²⁶ No original: *As there was no Department of Defense or Joint Chiefs of Staff at the time, the two services were entirely separate.*

Essa reestruturação do comando no Pacífico representava um esforço contínuo dos EUA para retomar o controle desse Teatro de Operações. Com Nimitz assumindo cada vez mais importância, esta nova configuração rapidamente seria posta à prova.

Logo após, de 4 a 8 de maio de 1942, ocorreu a Batalha do Mar de Coral, com grandes baixas para os dois lados. No entanto, para o Japão, o resultado frustrante dessa batalha não parecia ter grande importância. Foi quando o Almirante Yamamoto, Comandante da Força combinada japonesa, orquestrou um plano audacioso. Ele estava confiante de que poderia atrair os porta-aviões inimigos para uma emboscada fatal, pondo fim às esperanças americanas de prevalecer na guerra do Pacífico. Yamamoto atacaria Midway (REYNOLDS, 1982, pp. 36 e 83).

A estratégia de Yamamoto dependia fortemente da utilização do fator surpresa. Contudo, os oficiais de inteligência da estação Hypo, após longos esforços, conseguiram desvendar boa parte de seus planos, interferindo, conseqüentemente, de maneira decisiva na realização do plano japonês (REYNOLDS, 1982, p. 84).

Ainda no mês de maio, apoiado por Rochefort²⁷, Nimitz concluiu que o principal alvo dos japoneses seria Midway. Esse entendimento contrastava com o de outros comandantes de alto escalão em Washington, incluindo o Almirante King, que previa um ataque a Port Moresby, Nova Caledônia ou Fiji. A divergência nas interpretações dos dados de inteligência e na identificação do provável alvo inimigo destacou os desafios na coordenação entre as forças e até mesmo dentro da Marinha (SYMONDS, 2011, p. 182).

As decodificações subsequentes não só confirmaram Midway como alvo, mas também revelaram detalhes do plano de ataque japonês. Embora não totalmente revelado, os dados permitiram a Rochefort informar a Nimitz que quatro porta-aviões japoneses se aproximariam de Midway pelo noroeste. Essa antecipação possibilitou que todos os porta-aviões americanos ficassem disponíveis para as ações em Midway (SMITH, 2006, pp. 93 e 94).

Ao confirmar o ataque japonês a Midway e ter acesso parcial aos detalhes do plano adversário, Nimitz enfrentou uma escolha desafiadora. Apesar das ordens de King, que instruíam a manutenção de duas forças de porta-aviões no Pacífico Sul, Nimitz optou por uma ação audaz, reposicionando suas embarcações no Pacífico Central com o objetivo de contrapor um provável ataque japonês a Midway. Ele rejeitou a sugestão de King de empregar

²⁷ Capitão de Fragata Joseph Rochefort, chefe da Hypo (SYMONDS, 2011, p. 17).

táticas de desgaste, adotando uma estratégia mais ofensiva. Em uma carta a King, datada de 29 de maio de 1942, Nimitz declarou estar se preparando vigorosamente para enfrentar a investida inimiga (HONE, 2013, pp. 243 e 244).

A abordagem decisiva e independente de Nimitz, muitas vezes em contraste com as sugestões de seus superiores, ilustra seu compromisso com a estratégia eficaz em detrimento da obediência cega à hierarquia. A proximidade da Batalha de Midway, entretanto, levantou novos desafios que necessitariam de uma liderança igualmente perspicaz e audaz.

Na iminência da batalha, devido a problemas de saúde, o Almirante Halsey²⁸, comandante da Força-Tarefa (FT) 16, foi substituído pelo Almirante Spruance²⁹. Esta FT possuía dois porta-aviões: Enterprise (o capitânea) e Hornet. A nomeação, sugerida por Halsey e prontamente endossada por Nimitz, apesar da falta de experiência anterior de Spruance como Comandante de uma Força de porta-aviões, ilustra a confiança depositada por ele em seus subordinados (SYMONDS, 2011, pp. 189 e 190). A escolha de Nimitz por Spruance demonstrou notável discernimento profissional e pragmatismo, consolidando-se como uma das decisões mais impactantes sob sua liderança (HEALY, 2000, pp. 31 e 33).

Outra demonstração de força de Nimitz ocorreu quando o porta-aviões Yorktown do Almirante Fletcher³⁰ chegou a Pearl Harbor com danos substanciais sofridos durante a Batalha de Mar do Coral. A estimativa inicial sugeriu um mês e meio para reparos. No entanto, Nimitz ordenou que o trabalho fosse concluído em apenas setenta e duas horas, um feito surpreendentemente realizado (SMITH, 2006, p. 94).

Dessa forma, Nimitz possuía à sua disposição três porta-aviões para contrapor os quatro de Yamamoto. Sob o comando de Spruance, na Força-Tarefa 16, estavam os porta-aviões Enterprise e Hornet, enquanto Fletcher lideraria a força-tarefa do porta-aviões *Yorktown*. Acrescenta-se que Fletcher, na condição de oficial mais antigo, conduziria a batalha (REYNOLDS, 1982, p. 84).

Entretanto, havia uma peculiaridade na estrutura de comando desta força, ora explicada:

²⁸ Almirante de esquadra William F. "Bull" Halsey (SMITH, 2006, p. 37).

²⁹ Almirante Raymond A. Spruance (SMITH, 2006, p. 37).

³⁰ O vice-almirante Frank Jack Fletcher comandou a *Carrier Task Forces* em três das cinco Batalhas que envolveram porta-aviões no Teatro do Pacífico, incluindo Midway (SMITH, 2006, p. 37).

Embora Fletcher comandasse toda a força de porta-aviões estadunidense, Nimitz queria que ele mantivesse o grupo do Yorktown separado da FT 16. Os dois porta-aviões de Spruance deveriam lançar o primeiro ataque, enquanto Fletcher mantinha o grupo aéreo de Yorktown como reserva até que todos os porta-aviões japoneses fossem definitivamente localizados (SYMONDS, 2011, p. 195, tradução nossa)³¹.

Durante a batalha em si, as forças estadunidenses apresentaram dificuldades significativas na coordenação e execução de suas operações. Exemplo claro é a forma descoordenada como os esquadrões de bombardeiros *Bombing Six* e *Scouting Six*, ambos do porta-aviões Enterprise, acabaram atacando o mesmo porta-aviões japonês, o *Kaga*, ao invés de dividir seus alvos eficientemente entre os porta-aviões inimigos (REYNOLDS, 1982, p. 94).

A falta de sincronia no combate não se restringia à coordenação dos ataques aéreos. A discrepância entre os planos estratégicos de Nimitz e a realidade enfrentada no campo de batalha tornou-se patente na forma com que os defensores de Midway, em desacordo com as orientações de Nimitz, priorizaram seus aviões de caça na defesa da ilha, em vez de dirigir ataques aos porta-aviões adversários (PRANGE, 1983, pp. 389 e 390).

Junto a esse quadro, ocorreram episódios de ordens desobedecidas ou não executadas. Um exemplo notório refere-se ao porta-aviões *Yorktown* que, mesmo tendo sido instruído a se preparar para um ataque aéreo inimigo, continuou o reabastecimento de seus caças *Wildcats*. Tal escolha tornou-se uma vulnerabilidade decisiva quando um novo grupo de aeronaves inimigas foi identificado. O resultado foi um ataque bem-sucedido por parte dos bombardeiros *Kates* do porta-aviões japonês *Hiryu*, causando danos severos ao *Yorktown* (REYNOLDS, 1982, pp. 96 e 97).

Este conjunto de acontecimentos destaca uma preocupante desarticulação entre as estratégias do alto comando e as execuções práticas no campo de batalha. A ausência de compartilhamento de informações primordiais, como o robusto suporte que as unidades terrestres em Midway obteriam das unidades navais, especialmente porta-aviões, evidencia um significativo fosso comunicacional entre os diversos escalões de comando (PRANGE, 1983, pp. 75 e 76).

³¹ No original: *Though Fletcher would command the entire American carrier force, Nimitz wanted him to keep the Yorktown group separate from Task Force 16. Spruance's two carriers were to launch the first strike while Fletcher held the Yorktown's air group back as a reserve until all of the Japanese carriers had been definitely located.*

Ademais, é relevante mencionar um episódio ocorrido durante o confronto nas Aleutas, antecessor da Batalha de Midway. Em uma situação específica, aeronaves de reconhecimento naval avistaram os porta-aviões japoneses a escassas 165 milhas das ilhas. Contudo, frente à gravidade iminente, os pilotos do Exército mostraram-se reticentes em alçar voo sem um comando expresso de seu General (SYMONDS, 2011, pp. 203 e 204).

Neste cenário, marcado por inconsistências e falhas, sobressai-se a postura do Almirante Nimitz. Em um panorama repleto de adversidades, Nimitz demonstrou notável ousadia e resolução em suas decisões. Em diversos momentos, suas ações pareciam advir mais de descobertas pontuais do que de uma estratégia preconcebida, ilustrando uma liderança audaz, corajosa e responsiva frente a um oponente de grande envergadura (PRANGE, 2013, pp. 385 e 389).

Ao aprofundar a análise sobre o papel de Nimitz, destaca-se uma característica marcante de sua liderança: a capacidade de fundamentar decisões em informações de inteligência. Essa habilidade singular posicionou Nimitz entre os líderes navais americanos da época e teve papel determinante nas operações em Midway (SMITH, 2006, p. 145).

No entanto, ao avaliar a atuação integrada das Forças estadunidenses, é imperativo salientar que o triunfo em Midway não deve obscurecer os valiosos ensinamentos sobre a sincronia entre as distintas forças, assim como o desalinhamento entre as estratégias do alto comando e sua materialização no campo de batalha (PRANGE, 1983, pp. 389 e 390).

Em conclusão à análise, torna-se imprescindível admitir que, sob a égide de uma liderança tão notável quanto a de Nimitz, a efetividade das operações combinadas entre Marinha e Exército dos EUA em Midway apresentou fragilidades. As reflexões derivadas desse contexto tornam-se componentes importantes do legado dessa batalha e sublinham a necessidade de um comando integrado e coeso em futuras operações conjuntas.

3.2 A FUNÇÃO OPERACIONAL INTELIGÊNCIA COMO INSTRUMENTO DECISIVO NA BATALHA DE MIDWAY

A Função Operacional Inteligência desempenhou um papel central no planejamento e execução das operações conjuntas entre a Marinha e o Exército dos EUA, antes e durante a

Batalha de Midway. A avaliação dos preparativos e antecedentes da batalha destaca o papel fundamental da coleta, análise e compartilhamento de informações no resultado do conflito.

A habilidade dos criptoanalistas americanos da Estação Hypo em decodificar as mensagens japonesas demonstrou ser um recurso valioso, fornecendo dados essenciais que traçaram o caminho para o triunfo. Por meio dessa meticulosa atividade, a Marinha dos EUA posicionou suas tropas de forma eficiente, elaborou e realizou ataques inesperados que culminaram na aniquilação de quatro porta-aviões japoneses, um golpe devastador para a Marinha Imperial Japonesa (REYNOLDS, 1982, pp. 94-99).

A magnitude desse sucesso adquire ainda maior destaque ao se levar em conta que, até maio de 1942, a Estação Hypo havia decodificado somente 10% de todo o tráfego de mensagens JN-25, devido à decifração parcial desse intrincado código naval japonês. Afortunadamente, o expressivo fluxo de comunicações japonesas após a Batalha do Mar de Coral ofereceu aos decifradores a chance de desvendar mais sequências numéricas do JN-25 (SMITH, 2006, p. 92).

No entanto, a importância das informações adquiridas somente se materializou através da ação perspicaz do Almirante Nimitz. Demonstrando a qualidade de um líder autêntico, Nimitz depositou fé inabalável em sua equipe e aplicou os dados de inteligência de maneira eficaz. Para ele, a inteligência não era estática, mas um minério precioso a ser metulosamente separado, com o conhecimento puro extraído e então moldado numa arma contra o adversário (PRANGE, 1983, pp. 383 e 384).

A derrota japonesa na Batalha de Midway expõe uma falha crítica em seu planejamento estratégico: a excessiva dependência de uma resposta americana previsível. De maneira engenhosa, Nimitz e seus comandantes exploraram esta suposição como uma vulnerabilidade, contrapondo-se à antecipação do inimigo (REYNOLDS, 1982, p. 85).

Apesar da riqueza de informações disponíveis, a desconfiança sobre sua autenticidade persistia. Tanto a sede do CinCPac quanto Washington questionavam a possibilidade de manipulação das informações pelos japoneses, induzindo os americanos ao erro. Essas dúvidas eram baseadas na aparente indiscrição da Frota Combinada em transmitir informações de alta confidencialidade via rádio e na justificativa para direcionar uma frota de proporções massivas contra um alvo modesto como Midway. Apesar dessas incertezas, Nimitz manteve sua forte confiança na equipe de Inteligência, defendendo que uma estratégia

ancorada em informações concretas é sempre preferível a uma baseada em conjecturas incertas (PRANGE, 1983, pp. 72 e 73).

Neste cenário de desconfiança, a habilidade do Comandante Rochefort e da equipe "Hypo" destacou-se. Eles ofereceram ao Almirante Nimitz a confirmação indiscutível de que Midway era o foco da próxima investida japonesa. Eles forneceram ao Almirante Nimitz a confirmação irrefutável de que Midway era o alvo da iminente ofensiva japonesa. Esta confirmação resultou de uma estratégia que envolveu transmissão de uma mensagem a partir de Midway, indicando uma avaria nos evaporadores de água salgada³², causando escassez de água potável na ilha. Isso levou os japoneses a confirmarem, inadvertidamente, que "AF" em seu código se referia a Midway. Provando, assim, que aquela ilha era o alvo dos japoneses (SYMONDS, 2011, p. 185).

À medida que a batalha se aproximava, a inteligência continuou demonstrando sua importância. Na manhã do dia 4 de junho, primeiro dia do confronto, a Força de Invasão de Tanaka³³ foi detectada. Apesar de questionamentos iniciais, a avaliação da equipe Hypo, corroborada por Nimitz e Fletcher, esclareceu que esta era uma força de diversão, enquanto a verdadeira força de ataque japonesa residia nos porta-aviões de Nagumo³⁴ que ainda estavam por se revelar (HEALY, 2000, p. 47).

Anota-se que Nimitz esperava que o ataque iniciasse no dia anterior, 3 de junho, e a ausência de notícias aumentaram a sua ansiedade. Nesse contexto de incerteza, a confirmação de que a força encontrada no dia 4 de junho era a força diversionária prevista por Rochefort gerou um sentimento de confirmação, pois a composição da força e sua localização correspondiam, quase que perfeitamente, às previsões de Rochefort (SYMONDS, 2011, p. 185).

A descoberta da verdadeira natureza da Força de Invasão de Tanaka revelou mais uma vez a relevância da inteligência. Esse discernimento permitiu que os EUA se mantivessem

³² Uma observação subsequente interessante a respeito deste artil é que a mensagem realmente afetou o planejamento logístico japonês para a invasão de Midway. Um dos navios de transporte da força de invasão foi designado para transportar dois novos evaporadores de água salgada para substituir os supostamente avariados em Midway após a ocupação (SYMONDS, 2011, p. 185).

³³ Contra-almirante Tanaka Raizo, comandante da força diversionária. Esta Força de Invasão, na verdade, tratava-se inicialmente de um Grupo de Transporte (SYMONDS, 2011, p. 214).

³⁴ Vice-almirante Naguro Chuichi, comandante dos seis grandes porta-aviões da Força de Ataque japonesa. Este agrupamento de navios ficou conhecido como "*Kido Butai*" (SYMONDS, 2011, p. 35).

firmes em seu plano original. No entanto, salienta-se que as informações, por mais valiosas que sejam, precisam ser aplicadas de forma adequada e precisa. A execução de uma ação baseada em inteligência de alta qualidade foi tão fundamental quanto a própria informação.

Nesse contexto, destaca-se um episódio que se deu no início da noite da mesma data. O comandante da Força-Tarefa 16, Almirante Spruance, às 19h15, optou por seguir na direção leste, adotando o rumo verdadeiro 090 com uma velocidade de 15 nós³⁵ (SMITH, 2006, p. 137, tradução nossa). Seu objetivo era afastar sua Força-Tarefa das forças japonesas. A decisão do Almirante baseou-se em informações de inteligência fornecidas pela Estação Hypo, que sinalizavam a presença de quatro porta-aviões japoneses, dos quais somente três tinham sido identificados até aquele momento. Essa escolha revelou-se perspicaz, uma vez que o estrategema japonês consistia em aproximar-se e lançar um ataque noturno à Força-Tarefa 16 com o porta-aviões ainda não detectado (SMITH, 2006, p. 137).

A vitória na Batalha de Midway foi um marco na Segunda Guerra Mundial e não pode ser desvinculada da decodificação do código JN25 pelos americanos. Contudo, o conhecimento avançado dos planos inimigos, apesar de ser uma vantagem inquestionável, não era em si uma garantia de sucesso, uma vez que não tinha a capacidade de criar navios ou treinar mais pilotos e aeronaves. O que realmente definiu o triunfo em Midway foi a habilidosa combinação da inteligência americana com o uso eficiente e estratégico dos recursos disponíveis (PRANGE, 1983, pp. 383 e 384).

Assim, a Batalha de Midway serve como ilustração de que a informação, isoladamente, não produz resultados sem uma ação efetiva e que a estratégia, mesmo não criando recursos, é vital para otimizar a utilização do que se dispõe. Esse entendimento enfatiza a relevância da operacionalidade da inteligência, mostrando como seu uso eficiente pode levar à vitória, mesmo diante de cenários extremamente adversos.

3.3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Neste capítulo, cujo foco foi a análise das funções operacionais Estrutura de Comando e Inteligência no contexto das operações conjuntas da Marinha e do Exército dos EUA, antes

³⁵ No original: *At 1915 he decided to head east, setting a course of 090 degrees true, speed fifteen knots.*

e durante a Batalha de Midway, constatou-se que ambos os componentes exerceram papel vital para o desfecho do conflito.

No item 3.1, realizou-se uma análise minuciosa da estrutura de comando, tanto aquela presente antes como durante a Batalha de Midway. Abordaram-se os obstáculos enfrentados pelo exército estadunidense, bem como as complexas dinâmicas entre líderes militares e a consequência de suas ações no desenlace da batalha.

O item 3.2 debruçou-se na relevância da Inteligência enquanto função operacional. Enfatizou-se sua essencialidade no desenho das operações e evidenciou-se a contribuição inestimável da unidade de inteligência naval Hypo ao decifrar o código japonês JN-25. Tal feito concedeu aos EUA uma visão íntima dos planos japoneses.

Através da avaliação destes componentes, o presente capítulo não apenas ilumina a intersecção e a aplicação das funções operacionais em contextos bélicos, mas também sublinha o quanto essas dimensões podem influenciar o resultado de um conflito. Concluiu-se que a habilidade de interpretar comunicações inimigas, aliada a um comando assertivo e visionário, configurou-se como elemento-chave para a vitória dos EUA em Midway.

As constatações aqui delineadas oferecem uma visão aprofundada dos episódios que contornaram a Batalha de Midway, destacando a importância tanto da Estrutura de Comando quanto da Inteligência, e sublinham a imperatividade de uma contínua evolução destas funções operacionais.

Com este fundamento solidificado, o próximo capítulo tentará entrelaçar teoria e prática, procurando responder: de que maneira os fundamentos teóricos do planejamento e da condução de operações conjuntas se refletem nos eventos presenciados em Midway?

O Capítulo 4, portanto, realizará uma análise comparativa, confrontando os fundamentos teóricos do planejamento e da execução de operações conjuntas, explorados no Capítulo 2, com os eventos concretos e a aplicação desses conceitos durante a Batalha de Midway, examinados neste capítulo. Buscar-se-á, dessa forma, aprofundar ainda mais a compreensão da Batalha de Midway, transcendendo uma mera descrição dos acontecimentos e possibilitando a extração de lições significativas.

4 ANÁLISE COMPARATIVA: TEORIA E REALIDADE NA BATALHA DE MIDWAY

Este capítulo se propõe a efetuar uma análise comparativa entre a teoria e a realidade histórica no cenário específico da Batalha de Midway.

Com base nos estudos teóricos sobre o planejamento e condução de operações conjuntas, especialmente no que concerne às funções operacionais de Estrutura de Comando e Inteligência, será traçado um paralelo com os eventos concretos ocorridos entre maio e junho de 1942, anteriores e concomitantes a essa marcante batalha da Segunda Guerra Mundial.

A necessidade de se confrontar a teoria com a realidade torna-se patente por diversas razões. A mais saliente delas é o interesse de se obter um entendimento aprofundado sobre a interação entre os preceitos teóricos e sua aplicação efetiva em contextos conflituosos, onde a imprevisibilidade dos eventos e particularidades do cenário podem, por vezes, contrapor-se ou até mesmo contrariar os fundamentos teóricos anteriormente estabelecidos.

Outra motivação relevante é a oportunidade de se extrair lições valiosas para a elaboração subsequente de estratégias e táticas militares, tendo em vista as situações em que a teoria se harmonizou ou se desvinculou da realidade vivenciada. Por meio dessa análise, serão identificados pontos de concordância e divergência entre as doutrinas teóricas e a prática adotada, ofertando preciosas descobertas que podem ser aproveitadas tanto no estudo da história militar quanto no delineamento e implementação de futuras ações militares.

Nesta etapa, serão apresentadas as questões centrais deste capítulo, bem como a estrutura proposta para o mesmo. Na seção 4.1, proceder-se-á a uma análise comparativa da Função Operacional Estrutura de Comando, à luz da teoria avançada por Milan N. Vego, levando em consideração ainda a doutrina conjunta e naval estadunidense, em contraste com sua efetiva implementação na Batalha de Midway. Na seção subsequente, o mesmo procedimento será aplicado à Função Operacional Inteligência. Na seção final, serão retomados os pontos de maior relevância discutidos ao longo do capítulo, visando ampliar o entendimento da Batalha de Midway sob uma perspectiva teórica. Este método se destaca por não ser apenas uma simples documentação, mas por oferecer um olhar diferenciado sobre tal marco histórico.

4.1 COMPARAÇÃO ENTRE A FUNÇÃO OPERACIONAL ESTRUTURA DE COMANDO À LUZ DA TEORIA DE MILAN N. VEGO E A REALIDADE NA BATALHA DE MIDWAY

A Função Operacional Estrutura de Comando, uma das seis funções operacionais propostas por Milan N. Vego, atua como um pilar conceitual fundamental para explorar a complexidade e a dinâmica das operações conjuntas. Em seu cerne, estão os princípios da direção centralizada, execução descentralizada, alto grau de atuação conjunta e interoperabilidade. No entanto, como a Batalha de Midway representa, a realidade dos conflitos militares frequentemente diverge dos princípios teóricos e lança luz sobre as dificuldades práticas inerentes à condução eficaz das operações.

Logo após os EUA entrarem na guerra, suas forças atuavam sob uma estrutura que contrastava com a direção centralizada idealizada por Vego e prevista nas publicações JP 5-0 e NWP 5-01. A falta de uma unidade de comando era flagrante. A Marinha e o Exército operavam de forma independente uma da outra, criando um ambiente que alimentava as rivalidades e a falta de coordenação. O General Marshall, reconhecendo a necessidade de uma direção unificada, tentou estabelecê-la. Essa tentativa encontrou resistência de todos os lados, sublinhando a profundidade das divisões existentes entre os ramos militares (TOLL, 2011, pp. 188 e 189; EUA, 2017, p. III-38; EUA, 2021, p. 1-6; VEGO, 2009, p. VIII-8).

A avaliação das ações do Almirante Nimitz proporciona uma visão detalhada da direção centralizada. Nimitz, em uma demonstração ousada de confiança na sua equipe de inteligência, desafiou as opiniões prevalentes entre os altos oficiais em Washington ao antecipar o ataque a Midway. O suporte decisivo fornecido por Rochefort e sua equipe contribuiu para que o discernimento de Nimitz estivesse direcionado para formular uma resposta adequada à ameaça japonesa (SYMONDS, 2011, p. 182; VEGO, 2009, p. VIII-8). Este episódio aponta a importância do equilíbrio entre a centralização da tomada de decisões e a confiança delegada a equipes especializadas.

A execução descentralizada, outro pilar da teoria de Vego e sustentada como fundamental pela doutrina estadunidense, também apresentou desafios. Embora Nimitz tenha permitido a descentralização da execução, ao confiar na liderança de seus subordinados, ocorreram falhas significativas. Uma das mais notáveis ocorreu no porta-aviões

Yorktown, que ignorou as ordens de preparação para um ataque aéreo inimigo (REYNOLDS, 1982, pp. 96 e 97; EUA, 2017, p. III-38; EUA, 2021, p. 1-6; VEGO, 2009, p. VIII-8).

Em outra situação, nas Ilhas Aleutas, foi observado que os pilotos do Exército não decolaram sem uma ordem direta de seu General, apesar da iminente aproximação dos porta-aviões japoneses. Tal ocorrência evidenciou uma significativa falha na execução descentralizada (SYMONDS, 2011, pp. 203 e 204).

Em relação ao alto grau de atuação conjunta, a Batalha de Midway oferece exemplos instrutivos tanto do sucesso quanto do fracasso. Por um lado, a habilidade dos departamentos de inteligência estadunidenses em decifrar as mensagens japonesas atesta um sucesso notável dessa colaboração interdepartamental (SMITH, 2006, pp. 93 e 94; VEGO, 2009, p. VIII-9).

Por outro lado, verificou-se uma coordenação inadequada entre as unidades de defesa terrestre de Midway e as unidades navais. A esta se somou uma comunicação insuficiente entre os diversos escalões de comando, destacando falhas consideráveis neste quesito. Tal situação está em desacordo com o estabelecido na publicação JP 5-0, que determina que as Forças singulares, por si só, não atingem os objetivos. Adicionalmente, a publicação NWP 5-0 estipula como primordial uma interligação robusta entre Comandantes de Navio e Comandantes de outras Forças. (PRANGE, 1983, pp. 75 e 76; EUA, 2017, p. I-5; EUA, 2021, p. 1-7; VEGO, 2009, p. VIII-9).

Embora a Batalha de Midway tenha demonstrado algum grau de atuação conjunta, destaca-se que a interoperabilidade, enquanto conceito distinto, praticamente não foi observada. Manifesta-se tal carência na ausência de planos de ação unificados, doutrinas compartilhadas e procedimentos padronizados. Torna-se evidente a falta de coordenação e de coesão, que restringiu a efetividade das operações conjuntas (TOLL, 2011, pp. 179 e 180; VEGO, 2009, p. VIII-9).

Deve-se reconhecer que, mesmo diante das falhas identificadas, foi empreendido um esforço notável para alinhar as operações militares estadunidenses aos princípios que, mais tarde, seriam desenvolvidos por Milan N. Vego e ao que é atualmente estabelecido na doutrina dos EUA.

A reformulação da estrutura de comando, desencadeada no final de 1941 e perpetuada nos primeiros meses de 1942, evidencia a aplicação prática desses conceitos, ainda que de forma intuitiva e desprovida do marco teórico posteriormente consolidado.

Mesmo diante das persistentes tensões e contendas, a designação dos Almirantes King e Nimitz, assim como a segregação das funções de CinCUS e CinCPAC, foram considerados avanços significativos rumo a uma liderança mais centralizada e a uma colaboração mais integrada (HONE, 2013, p. 238; PRANGE, 1983, pp. 4 e 5).

Ao se debruçar sobre a Batalha de Midway sob a ótica da teoria da Estrutura de Comando proposta por Vego e em consonância com a doutrina conjunta e naval estadunidense, desvela-se um cenário intrincado. Embora a teoria estabeleça um referencial significativo, a prática atesta que sua implementação está condicionada a uma miríade de variáveis e obstáculos. A centralização do comando, ainda que fundamental, pode tangenciar o risco de se tornar excessivamente centralizadora, comprometendo a efetividade das operações. Noutro vértice, a descentralização da execução, indispensável para a prontidão e versatilidade no teatro de operações, pode ver-se comprometida por lacunas comunicativas e assimilações insatisfatórias das diretrizes hierárquicas.

Tais observações suscitam uma reflexão acerca da importância e das complexidades intrínsecas à busca por uma coordenação conjunta refinada. O êxito na decifração das mensagens japonesas por uma equipe interdisciplinar de inteligência evidencia o potencial rendimento de tais colaborações. Em contrapartida, os contratempos comunicativos e a coordenação insuficiente entre distintas unidades reforçam os desafios a ela inerentes.

A complexidade do cenário amplifica-se quando introduz-se na equação as disputas e divergências entre as Forças Armadas, as quais podem erguer obstáculos consideráveis para a instauração de uma estrutura de comando verdadeiramente eficaz. As incursões do General Marshall visando estabelecer uma unidade de comando, mesmo não culminando em êxito, sinalizam o reconhecimento desses desafios e a imperatividade de se enfrentá-los.

Dessa maneira, a Batalha de Midway não apenas evidencia a relevância da teoria proposta por Vego, como também salienta a adequação das diretrizes preconizadas na doutrina conjunta e naval dos Estados Unidos. No entanto, ela também lança luz sobre as intrincadas e desafiadoras nuances de sua implementação. Enquanto os preceitos de direção centralizada, execução descentralizada, alto grau de atuação conjunta e interoperabilidade se configuram como metas desejáveis, a dinâmica volátil do combate pode demandar ajustes.

4.2 COMPARAÇÃO ENTRE A FUNÇÃO OPERACIONAL INTELIGÊNCIA À LUZ DA TEORIA DE MILAN N. VEGO E A REALIDADE NA BATALHA DE MIDWAY

Ao comparar a teoria da Função Operacional Inteligência de Vego e o previsto nas publicações JP 5-0 e NWP 5-01 com a realidade prática vivenciada durante a Batalha de Midway, vislumbra-se um significativo alinhamento, onde os atributos fundamentais e a estrutura do ciclo de inteligência são ilustrados.

Vego destaca os atributos da precisão, objetividade, relevância, praticidade e integralidade como fundamentais para a efetividade da inteligência. Estas qualidades se mostraram evidentes na Batalha de Midway. A Estação Hypo, encarregada de decifrar as comunicações japonesas, forneceu dados que eram precisos e que possuíam integralidade para a reação ágil e eficiente dos EUA. As informações eram objetivas, livres de necessidade de interpretação adicional e possuíam relevância substancial e aplicação prática direta para as decisões tomadas pelo Almirante Nimitz (PRANGE, 1983, pp. 383 e 384; REYNOLDS, 1982, pp. 94 a 99; SMITH, 2006, p. 92; VEGO, 2009, p. VIII-25).

Durante o confronto, a Estação Hypo identificou a verdadeira natureza da Força de Invasão de Tanaka, confirmando-a como força diversionária, exemplificando a precisão da inteligência teorizada por Vego e a importância do suporte da inteligência ao planejamento conjunto estabelecido na publicação JP 5-0 (HEALY, 2000, p. 47; EUA, 2017, p. III-28; VEGO, 2009, p. VIII-25).

O papel da inteligência operacional em antecipar eventos e fornecer avaliação e análise da área de ameaça, conforme esclarecido por Vego, também foi evidenciado durante a Batalha de Midway, auxiliando na formulação de uma estratégia eficaz para combater a ofensiva japonesa. Paralelamente, observou-se uma atualização constante dos produtos de inteligência, conforme previsto na publicação NWP 5-01 (SYMONDS, 2011, pp. 182 e 185; EUA, 2021, p. 4-6; VEGO, 2009, p. VIII-27).

O ciclo de inteligência, descrito por Vego como um processo contínuo que inclui o planejamento e a direção, a coleta, o processamento, a produção e a disseminação, foi exemplificado pela maneira como a Estação Hypo operou. Este centro de decodificação de mensagens foi capaz de implementar, mesmo que intuitivamente, todas as etapas do ciclo de

inteligência, resultando na tomada de decisões informadas que levaram ao triunfo na batalha (REYNOLDS, 1982, p. 84; SMITH, 2006, p. 92; SYMONDS, 2011, p. 185; VEGO, 2009, p. VIII-26).

O momento em que o Almirante Spruance, comandante da Força-Tarefa 16, decide alterar o rumo da força para Leste, evidencia os cinco atributos estabelecidos por Vego. A decisão se baseou em informações precisas da Estação Hypo, que identificou a existência de um quarto porta-aviões japonês. A inteligência fornecida era relevante e objetiva, levando à prática uma ação que permitiu à Força-Tarefa estadunidense evitar um possível ataque surpresa durante a noite, ressaltando a precisão e a integralidade na aplicação da inteligência (SMITH, 2006, p. 137; VEGO, 2009, pp. VIII-25 e 26).

Adicionalmente, Vego destaca a necessidade de um equilíbrio apurado entre a Inteligência e as outras funções operacionais. Na Batalha de Midway, a habilidade dos americanos de decifrar o código JN25 dos japoneses conferiu-lhes vantagem significativa. No entanto, o conhecimento antecipado dos planos inimigos não garante o sucesso. A vitória foi alcançada através de uma combinação habilidosa de inteligência com a utilização eficiente dos recursos disponíveis (PRANGE, 1983, pp. 383 e 384; VEGO, 2009, p. VIII-25).

Contudo, existem aspectos que se desviam das premissas de Vego. O autor enfatiza a imperatividade de não superestimar ou subestimar a inteligência, visto que ela representa apenas um dos componentes que embasam as decisões. No contexto específico de Midway, a inabalável confiança de Nimitz em sua equipe de inteligência manifestou-se como elemento central para o triunfo. Tal fato poderia ser interpretado como uma valorização excessiva da inteligência; no entanto, de forma paradoxal, nessa situação específica, tal "superestimação" mostrou-se proveitosa (PRANGE, 1983, ppppppppppp. 383 e 384; VEGO, 2009, p. VIII-25).

Finalmente, em Midway, observa-se que a Inteligência foi utilizada não apenas na coleta e análise de dados, mas também de maneira proativa para influenciar e confundir o inimigo. Tal abordagem expande as características essenciais de uma boa inteligência, conforme delineadas por Vego, introduzindo uma nova dimensão à teoria (SYMONDS, 2011, p. 185).

Assim, a experiência da Batalha de Midway fornece uma representação tangível da teoria proposta por Vego, alinhando-se à doutrina conjunta e naval dos Estados Unidos, enfatizando a relevância e a efetividade da inteligência operacional em cenários beligerantes. Adicionalmente, sinaliza para a exigência de adaptação e flexibilidade na aplicação desta teoria à realidade complexa e dinâmica do campo de batalha.

4.3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A abordagem comparativa entre a teoria das Funções Operacionais Estrutura de Comando e Inteligência proposta por Milan Vego e o que está prescrito nas publicações JP 5-0 e NWP 5-01 foi contrastada com a realidade vivida na Batalha de Midway, enriquecendo substancialmente a percepção deste episódio histórico. Ao serem projetadas as teorias sobre a lente da batalha, foi evidenciado o papel primordial de uma Estrutura de Comando robusta e da inteligência acurada para o triunfo em operações interligadas, sendo ilustrado magistralmente nas decisões tomadas pelo Almirante Nimitz e na utilização perspicaz da inteligência pelo lado americano.

O destino da Batalha de Midway foi determinado tanto pela liderança perspicaz de Nimitz quanto pelo domínio e decodificação de informações vitais. Contudo, foi observado que, por mais que a teoria ofereça um arcabouço robusto para a vitória militar, componentes intangíveis, como valentia, elemento surpresa e fortuna, integraram-se de forma decisiva ao mosaico da vitória.

Uma reflexão sobre a Batalha de Midway, à luz dos eventos ocorridos, reiterou o quão importante é a capacidade de adaptação ao contexto imediato e a flexibilidade tática em face das adversidades, moldando os desfechos de um conflito. Esse exame foi realizado de forma retrospectiva, elevando a compreensão do conflito, realçando como a aplicação, mesmo que empírica, de preceitos que posteriormente seriam conceitualizados, tem o potencial de inclinar a balança no cenário de guerra.

No capítulo que se segue, as informações serão consolidadas em um resumo conclusivo, abarcando as descobertas colhidas por esta investigação. Uma retomada dos capítulos antecedentes será feita, reafirmando o propósito e o escopo da pesquisa. Adicionalmente, as contribuições teóricas e empíricas deste estudo serão elucidadas, sendo pontuado como ele intensifica a percepção sobre a Batalha de Midway e insere valiosos apontamentos no campo das operações interligadas.

5 CONCLUSÃO

Neste estudo, uma jornada abrangente foi empreendida, onde aspectos conceituais e históricos foram unidos na análise dos princípios do planejamento e execução de operações conjuntas, especificamente as funções operacionais Estrutura de Comando e Inteligência. Essa jornada, ilustrada através da Batalha de Midway, foi compartimentada em capítulos distintos, porém interligados; a fundação para o próximo capítulo foi construída por cada um.

No Capítulo 1, a fundação deste estudo foi estabelecida. As bases conceituais e contextuais necessárias foram buscadas para serem estabelecidas, com introduções às operações conjuntas, às funções operacionais Estrutura de Comando e Inteligência, e ao teórico Milan N. Vego. Simultaneamente, a estrutura e os objetivos desta investigação foram delineados, preparando o leitor para a jornada acadêmica subsequente.

No Capítulo 2, a teoria proposta por Milan N. Vego foi examinada, sendo comparada com as diretrizes doutrinárias estadunidenses. A importância de um equilíbrio adequado na implementação da estrutura de comando para assegurar a eficiência das operações conjuntas foi evidenciada. Ficou determinado que o planejamento e a inteligência são componentes inseparáveis no tecido complexo das operações conjuntas. Adicionalmente, foi reconhecido que a preparação em tempos de paz é fundamental para o desempenho em períodos de conflito.

No Capítulo 3, a realidade foi encontrada na teoria durante o planejamento e condução das operações conjuntas entre a Marinha e o Exército dos EUA na Batalha de Midway. A análise histórica enfatizou a importância da implementação apropriada dessas funções operacionais e o efeito direto que elas podem ter no desfecho de um conflito. Foi observado que a combinação de uma liderança estratégica firme e decidida com a capacidade de decodificar e interpretar comunicações adversárias formou um pilar essencial para a vitória estadunidense na batalha.

No Capítulo 4, uma análise comparativa meticulosa foi realizada. O foco desta análise consistiu em aprofundar a compreensão de como os princípios das funções operacionais Estrutura de Comando e Inteligência, que seriam posteriormente teorizados por Milan N. Vego, manifestaram-se na prática durante a Batalha de Midway. Não só foi possível ampliar a compreensão sobre a interação entre tais princípios, ainda não formalizados naquela época,

e sua aplicação concreta, mas também foi possível identificar lições significativas que têm potencial para orientar investigações futuras.

No que se refere à questão apresentada, observa-se que a função operacional Inteligência demonstrou total conformidade com a Teoria de Vego, ao passo que a Estrutura de Comando apresentou uma aderência apenas parcial. Entretanto, é saliente destacar que esta última aproximou-se da perspectiva teórica proposta por Vego no decorrer do conflito.

Este trabalho, como qualquer estudo, apresenta suas limitações. Primeiramente, a análise se fundamenta em uma única batalha. Mesmo com sua importância histórica inquestionável, necessário se faz manter-se cauteloso ao tentar expandir as conclusões obtidas, considerando que as particularidades da Batalha de Midway podem não se aplicar a outros cenários ou contextos históricos.

Adicionalmente, as lacunas presentes nas fontes primárias acessíveis para esta investigação representam uma restrição considerável. Estas limitações podem comprometer uma compreensão abrangente dos eventos e decisões daquela conjuntura, devido ao acesso restrito a dados históricos que sejam inteiramente precisos e completos.

Finalmente, torna-se pertinente ressaltar que a natureza retrospectiva desta análise pode introduzir possíveis distorções. A maneira como os eventos são interpretados encontra-se influenciada pelo conhecimento posterior do desenlace da batalha, o que pode conduzir à supervalorização de certos elementos em detrimento de outros.

A despeito das limitações elucidadas, a presente pesquisa proporciona uma valiosa adição à literatura já consolidada sobre operações conjuntas, ao promover uma profunda interlocução entre teoria e prática. Em sua fase inicial, a teoria proposta por Milan N. Vego foi meticulosamente examinada, com suas definições sendo postas à prova diante das diretrizes doutrinárias estadunidenses. Este exercício propiciou a detecção de congruências, divergências e reflexões sobre a aplicabilidade, relevância e restrições dessas perspectivas teóricas no ambiente contemporâneo de operações conjuntas.

Subsequentemente, destacou-se o campo prático da Batalha de Midway como referência de análise. Através desta lente, foi possível visualizar a materialização e interação das funções operacionais em uma conjuntura real de conflito. A investigação desnudou a complexidade e o peso das decisões adotadas nesse contexto, elucidando a maneira pela qual podem moldar e, em certas ocasiões, definir o resultado de um conflito.

O entrelaçamento destes dois universos, teórico e empírico, gerou uma apreciação mais integrada e enriquecedora, além de revelar o quão fundamental é a perene interação entre estratégias formuladas, planejamento operacional e execução no campo de batalha. Esta interação contínua catalisa a evolução do pensamento e do estudo, no que tange às operações conjuntas, permitindo que esses preceitos sejam mais eficientemente aplicados no contexto da guerra.

Considerando a relevância e as implicações deste estudo, torna-se imperativo debater potenciais trajetórias para futuras pesquisas. Em um viés pragmático, poder-se-ia ponderar um aprofundamento na implementação dos princípios e noções de Milan N. Vego em outros episódios e ambientes de guerra, alargando assim a análise para horizontes além da Batalha de Midway. Tal enfoque abriria portas para um cotejo mais amplo e diversificado, acentuando a compreensão acerca das operações conjuntas em diferentes panoramas históricos e geográficos. Com essas premissas em mente, a presente pesquisa erige-se como um marco inicial para indagações subsequentes, as quais detêm o potencial de aprofundar, ainda mais, a percepção sobre a complexidade intrínseca das operações conjuntas.

REFERÊNCIAS

EUA. Department of the Navy. *Navy Warfare Publication 5-01: Navy Planning*. Washington, DC: Navy Warfare Publication, 2021.

_____. Department of Defense. *Joint Publication 5-0: Joint Planning*. Washington, DC: Joint Publications, 2017.

ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA. Pacific War, theatre of war, World War II. *Britannica*, 1 ago. 2023 (Last Updating). Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Pacific-War>>. Acesso em: 5 ago. 2023.

_____. World War II: Allied strategy and controversies, 1940–42. *Britannica*, [20--]. Disponível em: <<https://www.britannica.com/event/World-War-II/Developments-from-autumn-1941-to-spring-1942>>. Acesso em: 16 jun. 2023.

HEALY, Mark. *Midway 1942: Turning Point in the Pacific*. Oxford: Osprey Publishing, 2000.

HONE, Thomas C. (Org.). *The Battle of Midway: The Naval Institute Guide to the U.S. Navy's Greatest Victory*. Annapolis, MD: Naval Institute Press, 2013.

ISOM, Dallas W. *Midway Inquest: Why the Japanese Lost the Battle of Midway*. Bloomington: Indiana University Press, 2007.

LUNDSTROM, John B. *The First Team: Pacific Naval Air Combat from Pearl Harbor to Midway*. Annapolis, MD: Naval Institute Press, 2005.

PRANGE, Gordon W. *Miracle at Midway*. New York, NY: Penguin Books, 1983.

REYNOLDS, Clark G. *The Carrier War: Epic of Flight Series*. Alexandria, VA: Time Life Books, 1982.

SMITH, Douglas V. *Carrier Battle*. Annapolis, MD: Naval Institute Press, 2006.

SYMONDS, Craig. *The Battle of Midway*. New York, NY: Oxford University Press, 2011.

TOLL, Ian W. *Pacific Crucible: War at Sea in the Pacific, 1941-1942*. New York, NY: W. W. Norton and Company, 2011.

VEGO, Milan N. *Joint Operational Warfare: Theory and Practice*. Newport, RI: U.S. Naval War College, 2009.

ANEXO A - FIGURAS



FIGURA 1 – Funções Operacionais (em termos genéricos)
Fonte: VEGO, 2009, p. VIII-3.

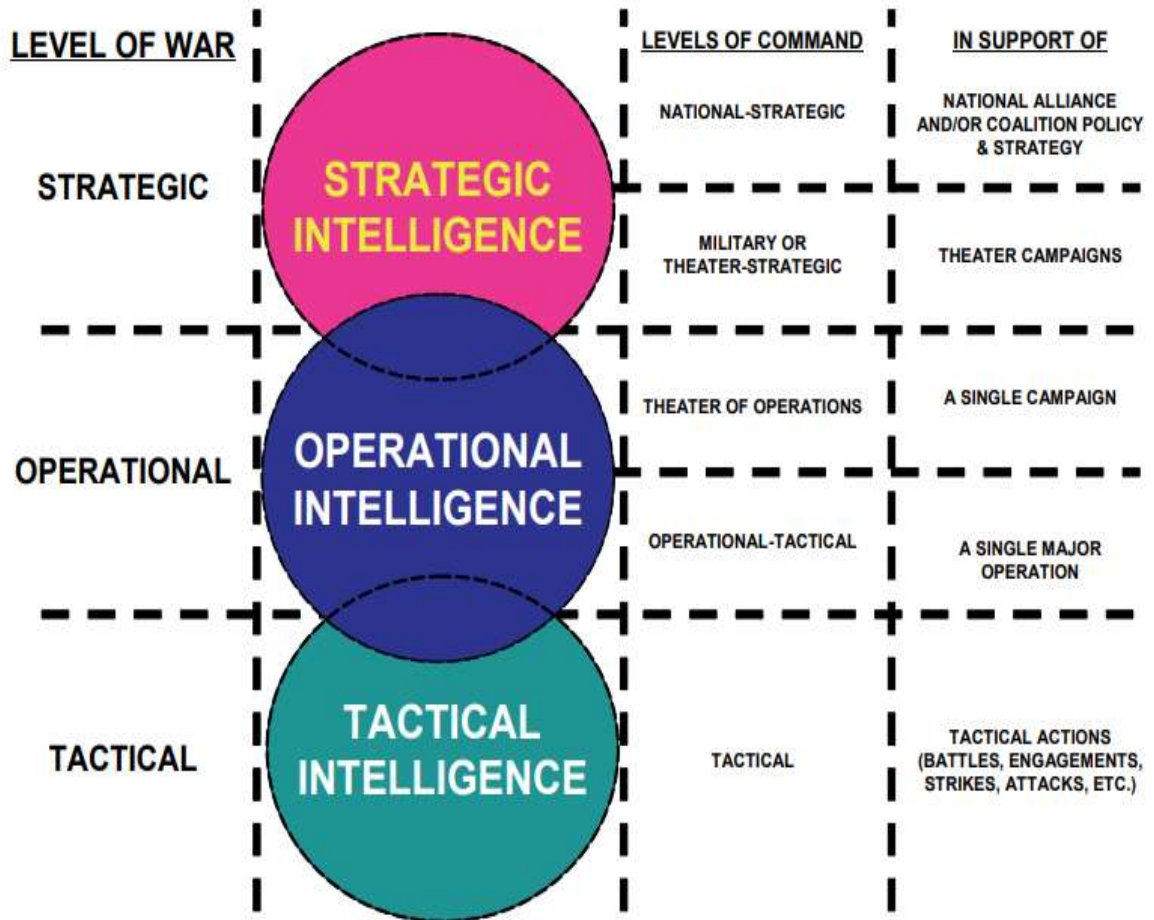


FIGURA 2 – Níveis de Inteligência
 Fonte: VEGO, 2009, p. VIII-27.